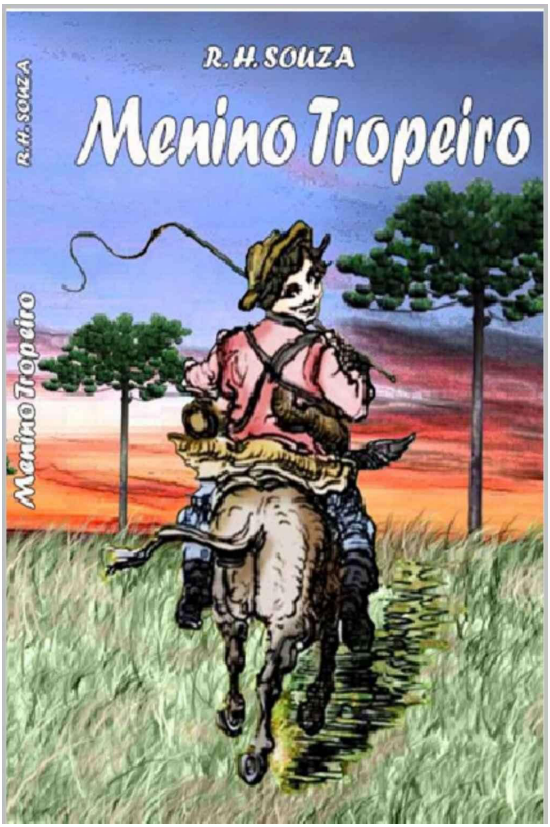

R. H. SOUZA
Menino Tropeiro
R. H. SOUZA
Menino Tropeiro

Menino Tropeiro

Copyright ©2021
Todos os direitos reservados a:
R.H. Souza

Capa:
Wladimir Valadares
Imagem da capa:
Coleção Premium de Imagens
Revisão:
Gilda Pereira
Registrado na Biblioteca Nacional
Sob número 460.242, livro 865, folha 431

Em memória de Heitor e Lina,
os pais do menino tropeiro

O Autor

R.H. Souza, autor do livro Menino Tropeiro, com 14 anos de idade, ingressou num seminário de padres franciscanos e estudou em diversos educandários da Ordem durante 11 anos, até concluir o curso de filosofia. Ao abandonar o seminário, ingressou na Faculdade Nacional de Direito (antiga Universidade do Brasil), no Rio de Janeiro, onde concluiu o curso. Durante muitos anos, trabalhou nos departamentos de marketing de empresas multinacionais, nas quais dirigiu publicações de cunho empresarial, fundando depois uma empresa de treinamento e relações corporativas, na qual escreveu centenas de trabalhos de conteúdo promocional e educativo para diversos clientes em todo o Brasil. Publicou um livro sobre vendas -*Vender é Preciso* - agora em 2ª edição. Atualmente, dedica-se à literatura, com os seguintes livros já escritos: *Menino Tropeiro*, *O Filho de Anita, Operação Kaaba* e *As Torres das Três Virtudes*

O autor tem um blog na internet, sob o título*: Scripta e Virtual,* com mais de 180 mil acessos no Brasil e em 15 países do exterior. Organizou também uma coletânea de *Expressões e Provérbios Latinos*, com 440 dos principais lemas e axiomas da língua de Cícero. Em cada item, oferece a tradução, a pronúncia e as modalidades de uso do mesmo. Esse trabalho é o resultado de sua experiência como professor de latim em cursos para os vestibulares de direito e filosofia, quando esse idioma era exigido para tal.

Prefácio

O livro *Menino Tropeiro* de R.H. Souza descreve as experiências de um menino do interior, cuja existência é uma aventura que se renova todos os dias. Mostra como era a vida num lugarejo perdido no planalto catarinense, enquanto a guerra se desenvolvia na Europa e era acompanhada pela população através de um único aparelho de rádio existente na localidade.

Esta é a história da família de um professor primário, cujo trabalho se desenvolve no interior de Santa Catarina, numa região de colonização italiana. O livro traz fatos pitorescos, acontecimentos curiosos, episódios trágicos da vida de um menino do interior na luta para superar as dificuldades de uma família numerosa, trabalhando desde a mais tenra idade.

Um dos heróis desta narrativa é um médico italiano, descendente de família nobre europeia, formado numa universidade da Itália, e que escolheu o interior catarinense para exercer a medicina. Trata-se de extraordinária figura humana a não medir sacrifícios no exercício de sua profissão, trabalhando numa região sem os mínimos recursos, onde não tinha hospital, nem farmácia. Ele era o único médico num raio de 100 quilômetros.

Capítulo 1

Era noite fechada quando a pequena caravana chegou ao povoado de Cerro Negro, procedente de um lugarejo com o nome sugestivo de Vigia, situado em Santa Catarina, quase na fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul. Formavam a caravana: meus pais, minha irmã Julieta, ainda de colo e eu, a essa época com quatro anos de idade. Heitor Souza, meu pai, era professor primário, pertencente aos quadros do magistério estadual do Estado de Santa Catarina e tinha sido removido de Vigia para Cerro Negro naquele ano de 1935.

A carreta com os pertences da família parou em frente a uma grande construção de madeira, sede da escola. Anexa à mesma, ficava a residência do professor, formada por dois quartos, uma pequena sala de refeições e a cozinha. A escola comportava uns quarenta a cinquenta alunos e ligava-se à residência da família através de uma porta interna.

No dia seguinte à chegada, logo de manhã, fomos fazer o reconhecimento do povoado, situado num terreno bastante irregular, com uma colina (ou cerro), dominando a paisagem, sobre a qual fora erguida uma pequena igreja de madeira, de onde se tinha uma vista exuberante, com campos e mais campos a se perderem na linha do horizonte. Uma dúzia de casas formava o povoado, cujos habitantes, em sua maioria, viviam da agricultura e da pecuária e apenas dois deles possuíam pequenas vendas, nas quais ofereciam produtos diversos à população local e também aos moradores da periferia, formada por fazendeiros e sitiantes.

Aos fundos do prédio da escola passava a rodovia estadual e do outro lado da mesma ficava um casarão de pro-

priedade de Otacílio Couto. Na casa dele estava instalada a coletoria local. Uma grande extensão de terras se estendia por trás da moradia, onde o proprietário mantinha muitas cabeças de gado.

Eu nasci na vila de Vigia em 31 de maio de 1931. Até hoje não sei se 31 é o meu número de sorte. Antes de completar um ano de idade, fui acometido por uma grave enfermidade: o crupe ou difteria. Na localidade não tinha médico nem hospital. Segundo relato de minha mãe, houve uma noite em que chegaram a colocar a vela na minha mão, prática comum à época para iluminar a passagem do moribundo. Mas, nesse instante, alguém bateu na porta da casa. Meu pai foi atender e se deparou com um desconhecido, que lhe perguntou:

– Tem aqui um menino muito doente, não é, professor?

– Tem sim. É meu filho. Ele está muito mal. Mas posso saber quem é o visitante?

– O meu nome não importa. Eu só queria ver o menino e ver se posso fazer alguma coisa por ele.

Meu pai introduziu o estranho personagem nos aposentos onde eu agonizava. Ele colocou a mão sobre minha cabeça e ficou uns instantes em silêncio, enquanto era observado por meus pais. Depois, levou a mão ao bolso do casaco de onde tirou um frasco com um líquido de cor amarelada. Falou para minha mãe:

– Dê ao menino uma colher deste remédio, agora, e depois repita a dose de duas em duas horas.

O misterioso visitante acabou de falar e se retirou sem uma palavra. Minha mãe, como não tinha nada a perder e, diante do quadro verdadeiramente caótico em que eu me

encontrava, com o peito arfando e muita dificuldade para respirar, introduziu em minha boca o líquido amarelado, que tive grande dificuldade em engolir. A seguir, ela e meu pai ficaram ao lado do berço, aguardando o desfecho da crise. Duas horas depois, recebi a segunda dose do remédio e, assim por diante, até o dia clarear. Quando amanheceu, perceberam que o pequeno doente demonstrava melhoras e dormia tranquilo. Voltando-se para meu pai, minha mãe falou:

– Quem seria o homem que nos visitou, Heitor?

– Não tenho ideia. Ele nem me disse o nome.

– Pois eu sei quem ele é.

– Como sabes?

– Deus ouviu as minhas rezas e nos mandou um anjo para curar o nosso filho. Veja como ele está. Respira com facilidade. Graças a Deus se recupera.

No dia seguinte, os vizinhos tomaram conhecimento do inusitado episódio e ninguém tinha informação sobre o misterioso personagem que visitara minha família naquela noite.

Minhas lembranças dessa época em Vigia são muito vagas. Eu me lembro de meu padrinho de batismo, um abastado fazendeiro. Numa das visitas à sua fazenda, uma vaca pariu um bonito bezerrinho. Ele me foi dado como presente. Se lá voltasse hoje, certamente seria dono de um grande rebanho. Em outra visita, em companhia de meu pai, me recordo de um grave acidente. Montávamos um burro arisco e a noite nos surpreendeu no caminho. Ao atravessar um lajeado, já próximo da fazenda, a lua cheia se refletia na água e o burro se assustou e nos lançou sobre as pedras do riacho. Recebi um galo na cabeça e meu pai diversos

hematomas pelo corpo. Desmaiei e só fui acordar sobre uma cama, na casa do fazendeiro, sob os cuidados de suas belas filhas, tentando me reanimar. Disso eu me lembro bem.

Heitor Souza, meu pai, era natural da capital, Florianópolis, descendente direto de uma família açoriana, daquelas muitas que colonizaram parte do litoral catarinense. Estudou na juventude e se dedicou ao magistério, inicialmente, como professor numa unidade do exército na capital catarinense. Ingressou depois no magistério estadual, indo trabalhar na cidade de Herval d'Oeste, no Vale do Rio do Peixe, onde conheceu minha mãe.

A vida da família de meu pai foi marcada pela tragédia. Ele tinha dois irmãos. O mais novo era Lauro e a mais velha, Julieta. Lauro era um jovem elegante, inteligente, mas casou com uma mulher desequilibrada, mentalmente. Tiveram uma filha, uma linda menina, mas a mulher resolveu dar cabo das vidas do marido e da filha. Diziam que a menina foi envenenada e meu pai trazia sempre consigo uma foto da sobrinha, deitada num caixão branco, durante o velório. Essa foto sempre me causou grande impressão. Meu pai falava do trauma que a morte da sobrinha causou ao irmão e à família, bem como à população da cidade.

Algum tempo depois da morte da menina, meu tio Lauro começou a apresentar sinais de fraqueza, foi para o leito e nunca mais se levantou. Morreu alguns meses depois da filha. A mulher era suspeita de adicionar vidro moído à sua comida o que, aos poucos, atacou seu aparelho digestivo, levando-o à morte.

A assassina terminou seus dias no manicômio judicial, pois, durante o processo, os médicos constataram

que ela sofria de demência irreversível. Era uma mulher bonita por quem meu tio Lauro se apaixonara. Em homenagem ao irmão morto tragicamente, o terceiro filho da nossa família recebeu o seu nome: Lauro Augusto Souza.

Minha mãe nasceu na cidade de Campos Novos, no meio oeste catarinense. Seu nome completo era Aristotelina Gomes de Souza, mais conhecida simplesmente como Lina. Aristotelina quer dizer filha de Aristóteles. Era a mais velha de uma família de 12 irmãos, que viviam do trabalho na agricultura, pois meu avô, João Gomes, tinha uma grande propriedade fora do perímetro urbano da cidade. Ele era um homem rude e exigia o máximo dos filhos. Um deles, de nome Henrique, fugiu de casa e nunca mais apareceu. Outro, também fugiu, mas reapareceu, já casado, e com filhos.

José era um irmão muito chegado a minha mãe. Alto, bonito, simpático. Resolveu ser garimpeiro e andou por vários estados brasileiros à procura de ouro e pedras preciosas. Trabalhou em vários garimpos do Centro-Oeste brasileiro e chegou mesmo a fazer um curso de químico industrial para ter condições de avaliar a qualidade do material achado pelos garimpeiros. Segundo ele mesmo contava, casou por diversas vezes, em diversos lugares. Montou uma firma de construção civil em São Paulo, mas ela faliu e levou-o de volta ao garimpo.

O velho João Gomes submetia os filhos a uma disciplina rigorosa e estava mais para feitor do que para pai de família.

Minha avó era uma mulher morena, alta, bonita, descendente longe de índios guaranis, muito comuns na região. Era inteiramente submissa aos caprichos e maldades do marido, submissão característica da raça indígena. Meu avô

também exercia a profissão de pintor de paredes, que praticava com maestria. Naqueles tempos, os recursos eram precários para esse tipo de profissional, pois só trabalhavam com tinta a óleo, cujo preparo dependia de cada pintor.

Minha mãe se casou muito nova, acho que só tinha 16 anos, e as bodas aconteceram num lugarejo chamado Bom Retiro, perto da cidade de Herval d'Oeste. Dali, o jovem professor foi removido para Vigia, onde eu e minha irmã Julieta nascemos. Assim, começava a nossa vida de ciganos, jogados de um lugar para outro, de acordo com as exigências da profissão de meu pai ou também provocada pela vocação nômade de minha mãe, certamente uma herança do sangue índio que lhe corria nas veias. Sempre que era possível, mudávamos de povoado ou no mesmo povoado, mudávamos de residência. Isso ocorreu por diversas vezes na minha infância. E meu pai sempre concordava, porque dona Lina argumentava ser necessário procurar um lugar com solo bom para o plantio, pois ela tinha verdadeira fascinação pela terra. Trazia isso de sua infância, quando os filhos de João Gomes só conseguiam sustento agarrados de sol a sol ao cabo de uma enxada. E, assim, a "Filha de Aristóteles" não conseguiu frequentar a escola durante sua infância, pois o trabalho na lavoura, segundo João Gomes, era mais importante do que o estudo, pois letras e números não enchiam barriga.

Quando nos mudamos para Cerro Negro, minha mãe veio feliz, pois meu pai lhe informara que, atrás da escola, tinha uma área, onde ela podia fazer uma boa lavoura. Só que, meu pai entendia muito de livros, mas nada de agricultura e a terra, mencionada por ele, era formada por um solo pedregoso, onde mal dava para se cultivar uns míseros pés de couve.

Capítulo 2

A população de Cerro Negro quando para lá nos mudamos naquele ano de 1935 era constituída de pequenos e grandes proprietários de terra de origem brasileira, mas também tinha muitos italianos, dedicados ao comércio, à agricultura e à criação de suínos e de pequenos animais.

No início do ano de 1936, começaram as aulas na escola estadual e meu pai me matriculou no primeiro ano do primário. Uns cinquenta alunos faziam parte das quatro turmas do primeiro ao quarto ano e eles tinham aulas simultaneamente com um único professor. Ele se desdobrava para ensinar coisas diferentes para alunos de níveis diversos. Assim, enquanto alfabetizava o primeiro ano, passava lições para as outras séries. Algumas matérias, como história do Brasil, eram ministradas simultaneamente a todas as turmas.

Cada aluno recebeu o livro da respectiva série e também uma lousa, onde deveria escrever as lições e fazer os exercícios, pois naqueles tempos quase não se fazia uso de cadernos. Papel era um luxo para as pequenas escolas do interior. Cada aluno carregava, preso à lousa, um vidrinho com água e um pano, que molhava, e com o qual apagava as lições anteriores. Mas, se acabasse a água, uma cusparada também resolvia o problema desde que, naturalmente, o ato não fosse presenciado pelo mestre.

Com tão grande número de alunos, a disciplina se fazia imperiosa, razão para o uso da palmatória, depois abolida de todas as escolas do país. De acordo com a gravidade da falta, o aluno recebia um determinado número

de *bolos* como eram chamadas as batidas cadenciadas sobre a palmas de suas mãos.

Os alunos que frequentavam a escola estadual vinham do povoado e da periferia. Alguns moravam em sítios e fazendas e faziam um longo percurso até a escola, usando as próprias pernas ou, então, vinham a cavalo. O povo da região valorizava o ensino dos filhos e não media sacrifícios para que estudassem, embora muitos deles ajudassem nas tarefas do campo ou nos cuidados com o gado nas fazendas. À época das colheitas, muitos alunos faltavam às aulas, pois precisavam ajudar os pais para os produtos não se perderem nas lavouras.

Pouco a pouco meu pai estabeleceu relações com o povo do lugar e as pessoas o procuravam para resolver diversos problemas. Passou a ser convidado a visitar residências e fazendas, onde lhe dispensavam acolhida respeitosa. Mantinha também boas relações com a comunidade italiana local, que tinha algumas tradições curiosas, como a *passarinhad*a e a *batida surpresa*.

A *passarinhada* se realizava em determinado dia e consistia num grande almoço, cujo prato principal era uma macarronada, acompanhada da carne de pequenos pássaros. Dias antes, os garotos saíam pelos matos atrás de todo tipo de passarinho, que abatiam com suas fundas certeiras. Caçavam centenas de pássaros, depois depenados e cozidos, servidos com macarrão, acompanhados de vinho. A primeira vez que minha família participou desse almoço, senti repugnância e não comi. Certamente, hoje, tal costume seria abominado pelos ecologistas, mas os tempos eram outros.

A *batida surpresa* era outro curioso costume dos italianos e que consistia no seguinte: quando um membro da

comunidade, de poder aquisitivo razoável, fazia aniversário e deixava a data passar em brancas nuvens, sem convidar os amigos para um almoço ou jantar ou mesmo para umas canecas de vinho, o pessoal aguardava a chegada da noite, quando ele e a família já estivessem dormindo. Aproximavam-se em silêncio da residência, momento em que alguém batia à porta, enquanto rojões estouravam no céu e as sanfonas tocavam músicas típicas italianas. Todos gritavam o nome do aniversariante e lhe davam os parabéns.

Enquanto se fazia grande algazarra em frente à casa da vítima, um grupo de homens invadia os fundos da residência, atrás de galinhas, patos ou perus, que eram levados até a cozinha, onde as melhores cozinheiras do povoado os preparavam para o grande jantar em honra do homenageado. Corriam também até as adegas e traziam garrafas ou pequenos barris de vinho, enquanto o povo, dentro da casa, dançava animadamente. O ponto alto da comemoração era o jantar, durante o qual se faziam discursos e se levantavam brindes em honra do dono da casa que, na maioria das vezes, ainda em trajes de dormir, assistia a tudo atordoado, acompanhado de seus familiares.

Entre a gente nativa da região existia também um costume singular. Uma noite, dormíamos tranquilamente em nossa casa, quando fomos acordados por orações e cânticos, acompanhados do ruído de matracas à porta da escola. Minha mãe acordou assustada e perguntou a meu pai o que aquilo significava e ele respondeu:

– Fiquem todos quietos, porque se trata de uma cerimônia de *encomendação das almas.*

– Mas o que isso significa?

– Em noites da quaresma, o povo se reúne no cemitério e dali partem grupos de homens, mulheres e crianças. Visitam as casas e cantam e rezam pelas almas. As pessoas da casa devem ficar em silêncio e só abrir as portas depois do fim da cerimônia. Aí, sim, podem receber os visitantes e lhes oferecer um café ou coisa parecida.

E assim, aconteceu lá em casa. Dona Lina correu para a cozinha, fez um café, cortou fatias de pão e levou tudo até a escola, onde os visitantes noturnos aguardavam em silêncio. Depois que terminaram de comer, se retiraram e foram atrás de outras residências do povoado, repetindo o mesmo cerimonial de cânticos e orações pelas almas sofredoras. Confesso, aquela cerimônia noturna tinha qualquer coisa de misterioso e impressionava as pessoas visitadas.

Minha mãe, uma mulher muito religiosa, se comoveu com a cerimônia e comentou o assunto com meu pai. Ele, então, observou que o ritual das almas se repetia em outras povoações da região e também em outras localidades do país. Trata-se, completou, de uma tradição oriunda na religiosidade portuguesa e é celebrada durante a quaresma e também no dia de finados.

Capítulo 3

Meu pai tinha uma letra muito bonita, apreciada por todos e ganhava alguns trocados fazendo cópias de certidões no cartório e também coletoria do sr. Otacílio Couto, situado no casarão, aos fundos da escola, do outro lado da estrada estadual. Esse trabalho era feito à noite e, muitas vezes, minha mãe o acompanhava com os filhos pequenos, eu e minha irmã Julieta. Ela ficava conversando na sala do casarão com a mulher de Otacílio.

Depois de uma dessas noitadas, quando a família, já altas horas, retornou à residência, minha mãe trazia ao colo minha irmã Julieta, que dormia. Ao chegarmos em casa, meu pai abriu a porta e minha mãe se adiantou para levar a criança para o quarto. Mal ela colocou o pé na varanda, recuou muito assustada e falou para meu pai:

– Heitor, tem alguém em casa.

– Como pode ter alguém em casa, mulher, se a porta estava fechada.

– Tem, sim. Eu vi um homem atravessando a varanda em direção ao nosso quarto.

Diante da convicção da mulher, meu pai entrou em casa, acendeu uma lamparina e penetrou no quarto. Percorreu, a seguir, os outros cômodos e não encontrou ninguém. Voltou-se para minha mãe e falou:

– Deves estar sonhando, mulher. Não encontrei homem nenhum.

– Pois eu vi. Era um homem gordo, de botas e vestia um sobretudo.